



## O DILEMA ENTRE A TRADUZIBILIDADE HERMENÊUTICA CULTURAL E A INCULTURAÇÃO TEOLÓGICA: O PROCESSO DA SUBJETIVAÇÃO DA TEOLOGIA AFRICANA CONTEMPORÂNEA

THE DILEMMA BETWEEN CULTURAL HERMENEUTIC TRANSLATABILITY AND THEOLOGICAL INCULTURATION: THE PROCESS OF SUBJECTIVISATION IN CONTEMPORARY AFRICAN THEOLOGY

Mussá Maria Cossa\*  
Jorge Calado Paúnde\*\*

**Resumo:** O objetivo central deste opúsculo é apresentar, de maneira concisa, o dilema que se vive na busca pela traduzibilidade hermenêutica cultural e inculturação teológica em povos e culturas africanas. Para o efeito, faz-se primeiro um breve resgate histórico da subjetivação e sistematização do pensamento teológico africano destacando suas origens e razões epistêmicas ancoradas no seu desenvolvimento. Em seguida aborda-se a questão da traduzibilidade hermenêutica cultural e o dilema da inculturação teológica no anúncio do *querigma* entre os povos e culturas africanas sublinhando-se a importância da abertura ao diálogo com a cultura, a religiosidade e a cosmovisão do povo. Por fim, apresenta-se a perspectiva contemporânea da Teologia Africana para uma

---

\* **Mussá Maria Cossa** é Pós-Graduado *Lato Sensu* em Metodologia de Ensino de Filosofia e Sociologia pela Faculdade UniBF (2022); em Gestão de Recursos Humanos pela Faculdade FOCUS (2023); em Gestão Escolar e Coordenação Pedagógica pelo Centro Universitário Celso Lisboa (2023), e em Docência e Gestão do Ensino Superior pela mesma instituição (2023). Bacharel em Teologia pela Faculdade Palotina – FAPAS (2023) e Licenciado em Filosofia pela *The Catholic University of Eastern Africa* – CUEA (2017). E-mail: [mussa.cossa@yahoo.com](mailto:mussa.cossa@yahoo.com)/[mussa.cossaa@gmail.com](mailto:mussa.cossaa@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-6759-3583>

\*\* **Jorge Calado Paúnde** é graduando em Teologia pela Faculdade Palotina– FAPAS e Licenciado em Filosofia pela *The Catholic University of Eastern Africa* – CUEA (2020). E-mail: [paundejorge68@gmail.com](mailto:paundejorge68@gmail.com)

---

**Data de Submissão:** 30 maio 2024

**Data de Aprovação:** 08 jul. 2024

*ekklesia* missionária em África enfatizando-se o papel que os teólogos africanos têm desempenhado no clamor pela paz, justiça social e direitos fundamentais do povo sofredor.

**Palavras-chave:** Teologia africana. Subjetivação. Inculturação teológica. Traduzibilidade.

**Abstract:** The central aim of this paper is to present, in a concise way, the dilemma faced in the search for cultural hermeneutic translatability and theological inculturation in African peoples and cultures. To this end, a brief historical review of the subjectivisation and systematisation of African theological thought is drawn up, highlighting its origins and the epistemic reasons for its development. Then the question of cultural hermeneutic translatability and the dilemma of theological inculturation in the proclamation of the *kerygma* among African peoples and cultures is addressed, underlining the importance of openness to dialogue with the culture, religiosity, and worldview of the people. Finally, some contemporary perspectives of African Theology for a missionary *ekklesia* in Africa are presented, emphasising the role that African theologians have played in the plea for peace, social justice, and the fundamental rights of the suffering people.

**Keywords:** African theology. Subjectivisation. Theological inculturation. Translatability.

### Considerações iniciais

Entre diversos estudiosos e pesquisadores não africanos, a Teologia Africana tem sido causa de vários questionamentos, críticas e deliberações céticas. Geralmente, ao se deparar com a sua literatura questiona-se o uso da palavra 'africana' para designar uma hermenêutica teológica da Igreja Universal que se faz presente também em África. Em resposta a esses e outros questionamentos, Kunhiyopa explica que a teologia cristã africana se torna como

tal em virtude da sua abertura ao diálogo com os aspectos antropológicos e culturais do ser humano africano respeitando a sua notória religiosidade expressa nas diversas religiões tradicionais africanas (2012, p. 12).

Trata-se de uma teologia que questiona alguns posicionamentos radicais da teologia ocidental que, por muitos anos, sujeitou vários africanos a negligenciar diversos aspectos antropológicos da sua cultura em nome de aderência ao anúncio da Boa Nova. É dentro desta perspectiva que Metogo pergunta: de ponto de vista teológico cristão, é preciso condenar um cristão convencido de que seus encargos sociais exigem imolar um frango ou uma cabra por ocasião de um nascimento ou de cuidados médicos? (2013, p. 108-109).

Esta e outras perguntas demonstram a preocupação da Teologia Africana e o dilema que ela enfrenta na busca da explicitação da mensagem de Cristo entre diversas culturas e povos africanos. Destarte, a Teologia Africana direciona a sua atenção às realidades antropológicas da pessoa africana e valendo-se da sua pedagogia e sagacidade, busca fazer com que a mensagem de Cristo faça sentido ao povo africano e gere resultados transformadores e concretos em suas vidas.

Por isso, exige-se dos que desejam se aprofundar em questões teológicas africanas uma seriedade e grande consideração à realidade africana e, ao mesmo tempo, não se distanciar dos ensinamentos explícitos das Escrituras e do Magistério da Igreja. Tudo visa desafiar os teólogos africanos a não se contentar em comentários do Catecismo da Igreja Católica e dos grandes temas da doutrina social da Igreja que não tem a coragem de denunciar os fundamentos do neoliberalismo em expansão (Metogo, 2012, p. 21).

Diante dessa proposta, o presente artigo visa apresentar de uma maneira concisa o itinerário da teologia cristã africana, elencando a sua subjetivação e o

dilema que enfrenta ao buscar apresentar a proposta do evangelho de Jesus Cristo em diversas culturas e povos africanos. O texto aqui apresentado não busca esgotar todas as possibilidades hermenêuticas que o tema apresenta em sua complexidade, mas apenas apresentar o itinerário teológico abordando alguns elementos históricos e alguns questionamentos teológicos, próprios da teologia cristã africana. O trabalho é dividido em três partes respectivamente: 1) Origens históricas e a 'subjetivação' da Teologia Africana; 2) Traduzibilidade hermenêutica cultural e o dilema da inculturação teológica em povos e culturas africanas; 3) perspectivas contemporâneas da Teologia Africana para uma *ekklesia* missionária em África. Enfim, cabe destacar que o método de pesquisa empregado neste opúsculo foi exclusivamente sistemático teórico bibliográfico, tendo como base referencial algumas fontes próprias da Teologia Africana.

## 1 Origens históricas e a 'subjetivação' da Teologia Africana

Abordar questões relacionadas à subjetivação da Teologia Africana implica, antes de tudo, situá-la e resgatar sua narrativa histórica maximizando suas particularidades e seu objeto de estudo ao longo dos anos de sua existência. É de domínio da maioria que, a África, por um tempo considerável, passou por várias atrocidades humanas causadas pelo colonialismo ocidental o qual gerou mudanças significativas no âmbito sociopolítico e antropológico dos povos africanos em África e na diáspora.

Essas mudanças geraram um confronto direto com a cosmovisão dos povos africanos principalmente no que tange a suas culturas e crenças, pois para os colonizadores, a necessidade de converter e civilizar 'os negros selvagens' não era

uma questão facultativa, mas um imperativo que se associava à ocupação e domínio territorial<sup>1</sup>. De acordo com Tchipunge, a narrativa que se repercutia na Europa sobre a África e os seus habitantes era de que

Os negros são apenas selvagens que devem ser convertidos, almas *sedentes in tenebris et umbra mortis*, que devem ser enfrentadas com um apostolado que leva o elmo dos cruzados e devem ser arrancadas uma por uma, da escravidão dos demônios com um apostolado de 'linha de pesca' (2015, p. 50).

As perspectivas teológicas no tempo colonial em África objetivavam a civilização e a salvação das almas por meio de uma imposição religiosa orquestrada por atitudes etnocêntricas e imperialistas (Mana, 2000, p. 20-21). Decerto, o etnocentrismo que acompanhava o espírito de descoberta, conquista e civilização inviabilizou todo gênero de diálogo com as culturas e religiosidades africanas. Nessa perspectiva, Vicente destaca que “o cristianismo que chegou na África começou por desvalorizar os costumes e as tradições dos povos africanos” (2022, p. 4). A teologia que existia nesse período era uma teologia que visava implantar a cultura ocidental e junto dela, a fé cristã nos moldes do catolicismo tradicional e ocidental. Nessa mesma visão afirma Vicente

A missão cristã na África foi considerada um processo de 'civilização'. Os africanos eram considerados pagão mergulhados nas trevas da ignorância, cujo caminho de vida era absolutamente primitivo, por consequência, deviam ser evangelizados e/ou civilizados. Evangelizar,

---

<sup>1</sup> No que tange a este dado, cabe destacar as palavras da Mana: “Para los africanos, se trata de realidades que se han apoyado mutuamente y se han confrontado en una empresa de ocupación del continente negro. Ambas se han alimentado de un mismo proyecto, que aparece, en la actualidad, como una fractura profunda en el destino de los pueblos y de las civilizaciones africanas: el proyecto de la subordinación y de la dominación de África por Occidente” (2000, p. 21).

então era sinônimo de civilizar ao modo ocidental. A missão visava a reprodução de um modelo único pelo qual as Igrejas africanas se tornavam um rascunho das Igrejas ocidentais. Na verdade, tratava-se de uma 'teologia da Implementação da Igreja' (*plantatio Ecclesiae*). A expressão não deve ser só entendida como uma simples transposição ou "transplantação" da Igreja europeia em África, mas realmente como uma semente plantada na África, sobre a tabula rasa da africanidade (Vicente, 2022, p. 5).

Essa visão teológica prevaleceu durante todo o período colonial e foi dentro dessa teologia que muitos africanos, embora não compreendendo com profundidade a nova fé, aderiram ao cristianismo. Porém, após a independência de alguns países africanos, iniciou-se uma nova era, uma era marcada pela libertação não só político-social, mas cognitiva e religiosa, buscando-se legitimar e reafirmar a cosmovisão africana de modo que ela dialogue com as outras ciências teológicas internacionais.

Com efeito, percebe-se que a Teologia Africana, como ciência, surge da esteira dos estudos pós-coloniais (*postcolonial studies*) e se desenvolve enraizada em experiências políticas e sociais da globalização contemporânea, tendo como referência seu precedente histórico: a colonização e o tráfico escravagista (Metogo, 2013, p. 102). Por isso, como teologia sistematizada e formal<sup>2</sup>, desde então, têm feito reflexões em vista da formulação do pensamento teológico sistemático dentro de seu ciclo cultural proporcionando uma consciência histórico-social e uma identidade particularizada ao seu labor teológico. Nesse prisma, de acordo com Tchipunge,

---

<sup>2</sup>Constata-se a necessidade de se explicitar a existência da Teologia Africana formal e informal. "Teologia formal Africana é uma Teologia que se encontra nos documentos escritos, nas discussões formalizadas, nas obras de teólogos africanos e Teologia Informal é expressa nas tradições orais (mitos, cantos, provérbios) dos povos africanos" (Vicente, 2022, p. 2).

O pivô da Teologia Africana, portanto, se deu em 1956 com a interrogação de alguns sacerdotes negros sobre o futuro da Igreja em África. Entretanto, foi em 1960 na faculdade de teologia católica da Universidade de Lovanium que teve início as principais reflexões e sistematização da possibilidade de uma Teologia Africana (2015, p. 53).

Considerando todos os elementos acima mencionados, torna-se importante frisar que a proposta teológica do pensamento africano nasce como reação à onipotência teológica hegemônica e dominadora do Ocidente no tempo colonial e, desde a sua gênese, se marca pelo clamor pela independência, liberdade e autonomia integral (Mana, 2000, p. 10). Aliás, para os dias atuais, pode-se afirmar que a Teologia Africana encontra o seu lugar de fala na busca por se emancipar da mentalidade colonial e do espírito do neocolonialismo na esfera religiosa, nas lutas sociais, econômicas, políticas e culturais que oprimem e pioram as condições miseráveis nas quais os povos africanos têm vivido.

Com isso, nota-se que a Teologia Africana traz consigo ecos de clamor pela libertação do seu povo no contexto sociopolítico e estrutural. Dentro dessa realidade, cabe, pois, sublinhar que é “em função do clamor do seu povo que os teólogos africanos se levantaram [*e continuam se levantando*] cientes de suas responsabilidades enquanto intérpretes das suas tradições propondo deste modo soluções aos problemas pontuais das suas comunidades” (Tchipunge, 2015, p. 5).

Assim, a Teologia Africana passa por vários momentos em busca de sua subjetivação caracterizada pela autoafirmação epistemológica, seu lugar teológico e sua incidência na vida das pessoas dentro de suas culturas e realidades diversificadas do continente africano. Por isso, pode se dizer que, no primeiro momento, “a Teologia Africana encontra-se no bojo das chamadas teologias

contextuais” (Oliveira; Satjyambula, 2015, p. 66). Aliás, relata-se que a Teologia Africana teve a sua primeira elaboração em um *dossiê* de intervenções em Paris, em 1956. Há quem diga que, no primeiro momento, foi desse projeto que se deu a sua origem, embora sendo uma espécie de teologia que evoluía com o desenrolar das discussões em fóruns panafricanos, seja por teólogos católicos assim como por teólogos protestantes (Oliveira; Styjambula, 2015, p. 66).

Levando em consideração o fato de ter surgido num contexto pós-guerras e marcado por várias mudanças, a Teologia Africana limitava-se a responder problemáticas dos seus contextos e, encarnada na realidade particular de cada povo, preocupava-se com a condição sociopolítica e religiosa das pessoas. Por ser assim, muitos têm confundido as teologias africanas contextuais com a teologia da libertação na América Latina. A Teologia Africana encarnada destaca-se, não apenas pela preocupação com a condição social do povo, mas pela garra em apresentar um cristianismo com traços típicos africanos diferentes das outras linhas teológicas e culturas pelo mundo afora.

A expressão ‘teologia da encarnação’ foi empregada da pela primeira vez em referência a Teologia Africana na declaração dos bispos de África e de Madagascar presentes no sínodo romano sobre a evangelização em 1974 (Oliveira; Styjambula, p. 66-67). De acordo com Kaunda, a Teologia Africana encarnada tem desde a sua origem a busca por uma correlação sistemática entre a ideia central da ortodoxia cristã e os aspectos religiosos-culturais tendo em vista a reconstrução de um autêntico cristianismo africano vivido e expresso em formas concretas de pensamento, idiomas e metáforas específicas (2020, p. 58).

Movido por este anseio hermenêutico, a Teologia Africana pretende oferecer à Igreja e às academias teológicas, pesquisadores e peritos teológicos

---

que poderão falar significativamente e de uma maneira construtiva às igrejas particulares da África dentro da sua cosmovisão. É dentro dessa perspectiva que se compreende a Teologia Africana como uma teologia baseada na fé bíblica direcionada aos africanos com categorias de pensamento que emergem da filosofia e da cultura do povo africano.

Assim, compreende-se que a subjetivação da Teologia Africana se dá à medida que ela se autoafirma a partir do seu lugar de fala trazendo reflexões e contribuições teológicas baseadas no evangelho, na Tradição da Igreja, no Magistérios e na realidade cosmológica africana. Com isso, chega-se à conclusão de que, antes de torná-la acadêmica, a Teologia Africana é uma reflexão elaborada sob o alicerce dos conceitos e práticas das tradições africanas à luz Evangelho e do Magistério eclesial. Dentro dessa perspectiva, Kaunda explica que a compreensão inicial da Teologia Africana seguiu uma dimensão comparativa buscando um possível contato físico entre a ‘notoriedade’ religiosa africana e a fé cristã (2020, p. 58).

Sendo assim, no início, sua ênfase epistêmica estava centrada na ‘continuidade’ e ‘descontinuidade’ e/ou na luta por alguma ‘aceitação’ em círculos teológicos não africanos e no pensamento teológico global (Kaunda, 2020, p. 59). Quanto a este dado, Mana comenta que, neste período, o projeto da Teologia Africana é visto como resistência e insurreição frente ao imperialismo teológico ocidental (2000, p. 9). De acordo com a mesma autora, “a perspectiva adotada foi o redescobrimto da identidade cultural africana e a afirmação de si mesma

através de um ato radical de desalienação e de libertação” (Mana, 2000, p. 9, tradução nossa).<sup>3</sup>

Com efeito, o processo contínuo de reflexão dentro da Teologia Africana tem mostrado que as suas origens são multifacetados e fluem dinamicamente da confluência de diferentes linhas da herança cristã, do passado religioso-cultural africano e da sagacidade do pensamento africano. Por isso, nesse período, pensadores como Nelson Mandela, Frantz Fanon, Web Du Bois, Desmond Tutu, Mercy Oduyoye e tantos outros se tornam fontes indispensáveis para a consolidação do pensamento teológico africano. Em virtude disso, há quem diga que a Teologia Africana foi lapidada no fogo do desenvolvimento sociocultural, religioso, político, econômico e histórico dos povos africanos. Em relação a esse ponto de vista, Kaunda sublinha que

as complexas realidades nas quais os cristãos africanos vivem têm formado uma fonte rica da Teologia Africana. Estas realidades têm incluído dentro de si uma variedade cultural de formas de vida, da história do continente e da diáspora (desde a época pré-colonial, colonial e pós-colonial), das artes, da família, da vida comunal e de numerosas lutas existenciais contra degradação ecológica, epidemias (como o HIV e a AIDS, Ebola e COVID 2019), racismo, sexismo, heterossexismo, economia, opressão social e cultural e toda espécie de exploração e de injustiça (2020, p. 59-60, tradução nossa).<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> “La perspectiva adoptada fue el redescubrimiento de la identidad cultural africana y la afirmación de sí misma a través de un acto radical de desalienación y de liberación” (Mana, 2000, p. 9).

<sup>4</sup> “The complex realities in which African Christians live have formed a rich source of African theology. These realities included the variegated cultural forms of life, history of the continent and diaspora (from pre-colonial, colonial, and postcolonial), arts, family, communal life, and numerous existential struggles such as against ecological degradation, epidemics (such as HIV and AIDS, Ebola and COVID 2019), racism, sexism, heterosexism, economic, political, social, and cultural oppressions and all forms of exploitation and injustices” (Kaunda, 2020, p. 59-60).

---

Enfim, como se pode notar, o percurso histórico inicial da Teologia Africana é profundamente marcado pelas tempestuosas tensões entre o cristianismo colonial e o anseio pela reelaboração de um outro cristianismo pensado e vivido a partir dos valores, ideias, preocupações, buscas e aspirações próprias de um homem africano. Dito de outra forma, a Teologia Africana surge da tentativa de se libertar da imposição teológica colonial e criar espaços legítimos para se incorporar e teologizar os aspectos subjetivo-culturais dos povos africanos que até então eram negligenciados ou até mesmo discriminados.

Encerrando esta seção, cabe frisar que a abordagem que dominava o discurso teológico durante os anos de independência dos países africanos, caracterizada pela luta de libertação colonial e busca por autoafirmação da identidade cultural está se tornando obsoleto. Com o tempo as preocupações teológicas fundamentais tomam diferentes perspectivas e sendo assim, hoje temas como justiça e democracia, liberdade e responsabilidade, paz e direitos humanos fundamentais entre outros, têm sido discutidos como possíveis lugares por onde poder-se-á reconstruir uma nova África com estruturas antropológicas, sociopolíticas e culturais melhoradas (Mana, 2000, p. 11).

Com tudo isso, compreende-se que a Teologia Africana passou de uma situação na qual os problemas teológicos dependiam de uma exigência de insurreição político-ideológica (caracterizada pela problemática da identidade cultural e da libertação política, social e econômica frente ao mundo ocidental) à uma nova visão determinada pela necessidade de um pensamento teológico em vista dos problemas que atravessam o continente. Esse fato introduz e justifica a relevância de se aprofundar na problemática da traduzibilidade hermenêutica cultural e o dilema da inculturação teológica em povos e culturas africanas.

## **2 O dilema entre a traduzibilidade hermenêutica cultural e a inculturação teológica em povos e culturas africanas**

A problemática da inculturação teológica cristã no continente africano é produto de múltiplas incompreensões e desavenças socioculturais e religiosas que surgiram do primeiro encontro direto entre os povos africanos e os missionários ocidentais. De ponto de vista de Mubangizi, o problema surge porque nesse encontro, uma das partes estava munida de arsenal de inferiorização, subordinação e dominação (2020, p. 29). Como já foi mencionado na seção anterior, nessa época, a religião e a ideologia colonial eram desassociáveis e, decerto, comungavam de um mesmo projeto de ocupação e civilização. Nessa mesma perspectiva, Mana comenta que a abordagem teológica dependia da antropologia cultural e da etnologia consagrada ao estudo da mentalidade negra (2000, p. 21).

Considerando os elementos acima elencados, deduz-se que a forma de transmissão do conteúdo da fé cristã e do Dado Revelado aos povos autóctones não se distanciava da mentalidade, da atitude e do projeto colonial que consigo levou os primeiros missionários. Isso quer dizer que o modo como os colonos e os missionários tratavam os nativos serviu de termômetro para mensurar o quão a Palavra anunciada nas terras de missão foi aderida e vivida. Não é por acaso que ainda é comum em algumas partes do continente-mãe chamar a religião cristã católica de 'religião dos brancos e inimiga da tradição africana' – (*Valala va mtumbunuku*).

Em virtude disso, torna-se relevante frisar que do ponto de vista de vários teólogos africanos, a verdadeira inculturação teológica vem a acontecer quando

se abandona a teologia e a ‘narrativa do triunfo da palavra dos vencedores’, que não tolera alguma contestação, objeção e nem discussão alheia. Embora seja desconfortante, não se pode deixar de afirmar que, por muito tempo, o discurso dominante sobre a África e os africanos, em contexto colonial, foi o do Ocidente. De acordo com Mana,

Esse discurso, guiado pelo desejo de fazer com que a antiga palavra local, cuja orquestração passou a ser identificada com o espaço do ‘paganismo’, foi empregada de forma exclusiva publicamente e foi a única a acomodar as modalidades da verdade sobre Deus. Dessa forma, ela manifestou a subordinação mental na qual o continente negro havia caído desde seu encontro com o Ocidente (2000, p. 21-22, tradução nossa).<sup>5</sup>

Sendo assim, para abordar e ampliar a intelecção da questão da traduzibilidade teológica no contexto da Teologia Africana, acredita-se que seja oportuno, primeiro, apresentar uma história narrada por Diane Stinton. A história apresentada pela autora, relata um fato que aconteceu com um missionário enviado pela ordem jesuíta nas periferias da República da Tanzânia, para proclamar o Evangelho entre os *Maasai*<sup>6</sup>, povo guerreiro e famoso pela sua coragem e valentia. Assim conta a história:

---

<sup>5</sup> “Este discurso, guiado por la voluntad de hacer la antigua palabra local, cuya orquestación era identificada a partir de entonces con el espacio del «paganismo», se desplegó públicamente solo y era el único que acompasaba las modalidades de la verdad sobre Dios. De este modo, manifestaba la subordinación mental en que había caído el continente negro desde su encuentro con Occidente” (Mana, 2000, p. 21-22).

<sup>6</sup> De acordo com Coast, os *Maasai* são um grupo étnico africano de seminômades que habita ao longo do vale do grande *Rift* do Quênia e da Tanzânia. Entre esse povo estão os *Samburu* do Quênia, os *Arusha* e *Baraguyu* (ou *Kwafi*) da Tanzânia. Além disso, a autora explica que *Maasai* é também um termo linguístico, referindo-se aos falantes dessa língua sudanesa oriental (geralmente chamada de *Maa*) da família linguística *Nilo-saariana* (2000, p. 10).

Um dia, ele (o padre) estava explicando a um grupo de adultos a ação salvadora de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Ele contou como Jesus é o Salvador e Redentor de toda a humanidade. Quando terminou, um ancião *Maasai* lentamente levantou-se e disse ao missionário: 'Você falou bem, mas quero aprender mais sobre essa grande pessoa que é Jesus Cristo. Tenho três perguntas sobre ele: Primeiro, ele já matou um leão? Segundo, quantas vacas ele tinha? Terceira, quantas esposas e filhos ele teve?' (Stinton, 2004, p. 105, tradução nossa).<sup>7</sup>

Esse episódio demonstra o ponto crucial que se pretende chegar ao se abordar a questão da traduzibilidade hermenêutica cultural e o dilema da inculturação teológica entre os povos africanos. Por isso, cabe esclarecer, desde já, que a traduzibilidade hermenêutica cultural na Teologia Africana é entendida como a tentativa de superar a mentalidade subordinante do Ocidente em vista de assimilar, integrar e inculturar<sup>8</sup> sem julgamentos elementos dos costumes e tradições locais no Evangelho e na vida da Igreja (Mubamgizi, 2020, p. 27). Essa traduzibilidade hermenêutica cultural torna-se a chave pela qual o missionário busca compreender a cultura na qual trabalha e o coloca como aprendiz sobre as riquezas que Deus distribuiu entre os povos.

Na tentativa de responder as perguntas do ancião da comunidade, certamente, o padre, para fundamentar o seu argumento, não precisou enganar a assembleia dizendo que Jesus matou um leão, ou que tinha muitas vacas e

---

<sup>7</sup> "One day he was explaining to a group of adults the saving activity of Jesus Christ, the Son of God. He told how Jesus is the Saviour and Redeemer of all humankind. When he finished, a Maasai elder slowly stood up and said to the missionary: 'You have spoken well, but I want to learn more about this great person Jesus Christ. I have three questions about him: First, did he ever kill a lion? Second, how many cows did he have? Third, how many wives and children did he have?'" (Stinton, 2004, p. 105).

<sup>8</sup> Por questões metodológicas, torna-se importante frisar que "a inculturação inclui duas dimensões: por um lado, 'a transformação íntima de valores culturais autênticos por meio de sua integração ao cristianismo' e, por outro, 'a inserção do cristianismo nas diversas culturas humanas' (Okuma, 2002, p. 41).

muitas esposas e filhos como um bom Massai prossegue. Pelo contrário, ao admitir que nenhum desses elementos teriam acontecido na vida de Jesus, o padre, precisou explicar que nenhuma cultura é superiora em relação a outra. Naquele instante tornou-se necessário fazer-se entender que se Jesus tivesse nascido *Massai*, certamente teria incorporado na sua humanidade diversos elementos da cultura *Massai*, e isso não teria inferiorizado a sua ação salvífica no mundo e o fato de ser Filho de Deus.

Desta forma, a noção de traduzibilidade na Teologia Africana é introduzida na tentativa de responder hermeneuticamente a seguinte pergunta: como o evangelho pode ser proclamado de forma autêntica e eficaz em resposta às perguntas dos povos africanos de maneira que seja significativa e relevante em suas culturas e na sua cosmovisão? A busca por essa resposta torna-se urgente para quem pretende navegar na vastidão oceânica do labor teológico africano porque, de acordo com Stintin, os africanos que têm fé, naturalmente interpretam o evangelho à luz dos ensinamentos bíblicos recebidos, da própria herança cultural e da experiência religiosa que cada povo vem consolidando (2004, p. 105). Portanto, na sua traduzibilidade, a Teologia Africana tem fontes importantes para a sua hermenêutica: a Bíblia e a herança cristã, a antropologia africana, as religiões tradicionais africanas e outras realidades africanas (Galgalo, 2004, p. 6).

O dilema da inculturação, em diversas realidades africanas surge na medida em que a cultura apresenta costumes, cultos, símbolos, rituais e crenças que, do ponto de vista cultural, são tidos como elementos indispensáveis para uma vivência da espiritualidade integral e compreensão cósmica de um povo. Vale destacar que, em se tratando de povos e culturas africanas, muitas vezes, esses elementos são associados à preservação da vida, fertilidade, cura de doenças e

---

solução para possíveis problemas que podem surgir no percurso da vida de um povo.

De acordo com Amanze (2020, p. 74), todos esses elementos são profundamente estimulados e vivenciados na Religião Tradicional Africana [TRA]<sup>9</sup>. É dentro dessa perspectiva que surge o dilema em como dialogar com esses elementos religiosos consagrados e divinizados pelo povo para assim se construir um caminho consolidado de fé e de vivência religiosa cristã. Do um ponto de vista pastoral, percebe-se que o método utilizado no início do processo de evangelização dos povos e culturas africanas não surtiu nenhum efeito devido à falta de compreensão e abertura para o diálogo.

Para desvalorizar o sistema de crenças, rituais, práticas, cerimônias, espiritualidade, locais de culto e especialistas religiosos, foram usados termos depreciativos como primitivo, selvagem, fetichismo, paganismo, animismo, idolatria e politeísmo (Amanze, 2020, p. 74). Como resultado dessa desvalorização e rejeição, muitos povos e culturas africanas aprenderam a não falar da sua Religião Tradicional e adotaram mecanismos de viver numa dupla pertença religiosa. De dia são cristãos católicos e de noite, quando supostamente ninguém os vê, são religiosos tradicionais que imolam sacrifícios aos seus antepassados implorando sua bênção e proteção.

O fato acima mencionado demonstra que ainda existe uma 'guerra fria' entre o Cristianismo e a Religião Tradicional Africana. Para se resolver essa instabilidade é necessário que se aplique um grande esforço para se dialogar e

---

<sup>9</sup> Grosso modo, define-se a RTA como uma religião que resultou da fé sustentada pelos antepassados dos africanos atuais e que está sendo praticada hoje em várias formas, tons e intensidades por muitos africanos, inclusive indivíduos que se dizem muçulmanos ou cristãos (Awolalu, 1976, p. 1).

compreender melhor a herança cultural dos povos africanos. Só depois disso que se poderá traduzir e contextualizar o Evangelho de modo que seja relevante para tornar Jesus Cristo mais compreendido, apreciado e aceite na cultura dos povos africanos como Salvador e fonte da vida em suas situações existenciais da vida (Amanze, 2020, p. 76). Com isso, pretende-se enfatizar que a traduzibilidade hermenêutica cultural e a inculturação fazem com que os ouvintes da Palavra anunciada se sintam à vontade e membros ativos da Igreja. Quando isso não acontece, as pessoas podem até encher capelas e catedrais, mas quando não mais convier ser cristão, eles simplesmente mudarão de religião sem muito esforço.

Nessa perspectiva, Amanze detecta que uma das razões para o desaparecimento do cristianismo no Norte de África, após a invasão muçulmana no século VII, foi o fracasso da inculturação da Igreja (2020, p. 77). Considerando esses elementos, percebe-se que a traduzibilidade hermenêutica cultural exige uma nova metodologia teológica que é diferente das abordagens teológicas dominantes do ocidente. Sendo assim, de acordo com Conferência Panafricana de 1977 em Accra,

A Teologia Africana deve rejeitar as ideias pré-fabricadas da teologia do Atlântico Norte, definindo-se de acordo com as lutas do povo na sua resistência contra as estruturas de dominação. A nossa tarefa como teólogos é criar uma teologia que surja do povo africano e seja responsável perante ele (apud Amanze, 2020, p. 77-78, tradução nossa).<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> "African Theology must reject the prefabricated ideas of North Atlantic theology by defining itself according to the struggles of the people in their resistance against the structures of domination. Our task as theologians is to create a theology that arises from and is accountable to African people" (Pan African Conference apud Amanze, 2020, p. 77-78).

Em vista dessa problemática teológico-pastoral, surge hoje a necessidade de tornar acessível e compreensíveis os elementos da fé cristã, porém, firmemente ancoradas no solo profundo da história e das tradições africanas, dotada de iniciativa criativa e fecundidade vital (Mana, 2000, p. 24). Isto vai ao encontro do que se abordou na seção anterior, pois a Teologia Africana busca firmar sua diferença em seus traços culturais e herança da religião tradicional africana. Dessa forma, pode-se dizer que se trata de uma “teologia debaixo da árvore”, ‘reconstrução’, ‘invenção teológica’, ‘inculturação libertadora’, ‘inversão cultural’ (Nyimi, 2006, p. 34). Por fim, torna-se relevante destacar que, “uma Teologia Africana só pode pretender ser uma teologia da vida e da cultura africana se corresponder ao contexto no qual o povo vive” (Nyimi, 2006, p. 31).

### **3 Perspectivas contemporâneas da Teologia Africana para uma *ekklesia* missionária em contextos africanos**

Tendo se abordado a questão da traduzibilidade hermenêutica cultural no anúncio da Palavra de Deus entre os povos e culturas africanas, chega-se à conclusão de que não há como falar-se de uma única Teologia Africana que responda eficientemente a tamanha demanda teológica com precisão. Por isso, em virtude do processo de inculturação do Evangelho em meio a diversas culturas e realidades africanas, faz-se necessário destacar-se que cada realidade cultural exige uma abordagem teológica diferente pela qual se poderá consolidar melhor os elementos fundamentais da fé cristã respondendo assim às suas preocupações fundamentais. Por essa razão, muitos autores situam a Teologia Africana dentro das teologias contextuais pois, surgem da tentativa da evangelização da cultura e

da inculturação do Evangelho em diversas realidades específicas de povos e culturas africanas.

Dentro desse projeto de evangelização, as perspectivas contemporâneas das teologias e igrejas locais da África têm sido de intervenções, orientação firmes e tomadas de posições claras sobre o que se deve seguir no futuro, mediante uma vontade ardente de mobilizar os povos a tomar parte como cristãos na construção de uma sociedade justa, habitável e equitativa na distribuição dos bens comuns (Mana, 2000, p. 26). Como se pode perceber, a teologia contemporânea africana não se insere mais em debates sobre a descolonização da África nem sobre a desalienação dos espíritos e muito menos sobre a libertação da mentalidade ocidental. Conforme explica Ntumba,

[...] já não se trata, hoje em dia, de legitimar a existência da teologia. Os teólogos africanos exploram tanto o vivido cultural como o sociopolítico do mundo africano. Mas debatem-se com problemas metodológicos. Até então, a questão que se colocava aos teólogos africanos era a seguinte: qual é o objeto de sua reflexão? Atualmente coloca-se uma questão mais fundamental: como teologizar em África? Desta forma verifica-se igualmente uma orientação na direção de uma reflexão metodológica na Teologia Africana (apud Bujo; Muya, 2012, p.178).

Com isso não se pretende afirmar que a teologia contemporânea africana se isenta de discutir, quando necessário, temáticas relacionadas ao seu passado histórico, pois elas marcaram a vida e a memória dos povos africanos. Aliás, em virtude de ser uma teologia cujas fontes se situam no encontro de África e Ocidente, desde a sua gênese, tem se preocupado em discutir assuntos relacionados a vida na sociedade e a saúde política do seu povo buscando ser uma voz profética diante das injustiças e sofrimentos que o povo africano tem sofrido na atualidade.

Inseridos em realidades de instabilidade política e econômica, da corrupção, das ideologias do capitalismo ou do socialismo, das guerras, das insurgências, da insegurança alimentar e fome, de desastres naturais e escassez de recursos básicos para uma vida digna, os teólogos africanos têm buscado novas articulações existenciais de modo que, transmitindo Esperança e Fé ao povo sofredor, todos procurem vias alternativas para solucionar os seus problemas e desafios quotidianos.

É nesta esfera estratégica que vários teólogos africanos têm visto a ministerialidade como fator determinante para a transformação social, política e estrutural no que tange à busca por distribuição justa dos direitos fundamentais e bens públicos em todas as nações africanas. Pelo visto, esta estratégia teológica tem gerado resultados inesperados, pois, com ela o clamor pela justiça ecoa por diversas partes da sociedade e não só de figuras e ou instituições eclesásticas. Com isso, há quem possa afirmar que a perspectiva atual da teologia contemporânea africana é exclusivamente sociopolítica podendo ser denominada, sem margem de dúvidas, teologia política africana.

Esse ponto de vista pode ser plausível considerando a definição da teologia política como investigação realizada por teólogos cristãos em relação a esfera política, na qual político é definido de forma ampla para incluir as diferentes maneiras como os povos têm ordenado sua vida pública tendo em vista a promoção da vida e do bem-estar da população em geral (Wyk, 2019, p. 136). Porém, torna-se importante destacar que isso não implica que a teologia política cristã seja o único tipo de teologia desenvolvido em diversas partes da África.

Considerando o argumento acima, nota-se que a teologia contemporânea africana se torna uma hermenêutica<sup>11</sup> sociopolítica e cultural na medida em que ela não tem como tarefa única expor a verdade objetiva da Revelação Divina, mas também, como explica Nyimi, compreender o que pode ser dito e comunicado ao ser humano de hoje com base nesta Revelação (2006, p. 29). Em virtude disso, infere-se que a Teologia Africana Contemporânea não se contenta em apenas conhecer a verdade objetiva dos enunciados dogmáticos, mas busca em seu teologizar trazer interpretações e pronunciamentos em vista da justiça e transformação social dos africanos no aqui e agora.

A postura atual da Teologia Africana responde ao desafio lançado por Metogo (2006, p. 30), quando afirmou que a Teologia Africana deveria libertar-se do mimetismo e do fascínio dos mestres ocidentais. De acordo com o autor, considerando que as ferramentas epistemológicas que eles utilizam na sua hermenêutica teológica são completamente diferentes da dos africanos, o teólogo africano não deve mais ser avaliado em função de seu perfeito conhecimento do pensamento de São Tomás de Aquino, de Hans Urs Von Balthasar, de Martinho Lutero, de Karl Barth, de Karl Rahner ou de qualquer outro teólogo europeu renomado na história da teologia.

Pelo contrário, o teologizar africano deve ser distinto pela sua busca eminente por justiça político-social e evangelização da cultura do seu povo e da inculturação do Evangelho. Diante da realidade das guerras, instabilidades

---

<sup>11</sup> A hermenêutica é, em seu estudo da memória cristã, uma relação, uma atenção e uma retenção das esperanças, das expectativas, das questões perturbadoras do sujeito interpretante e de sua comunidade. A inerência socioeclesial faz desta interpretação uma teologia contextual. Por ser uma ciência da memória cristã, a teologia nem por isso deixa de ser um conhecimento da condição humana” (Nyimi, 2006, p. 30).

políticas, insurgências, deslocamento maciço das populações de um lado para outro, pobreza e insegurança alimentar, não há como elaborar uma teologia indiferente a essas realidades (Metogo, 2013, p. 108). Por isso, para a realidade africana atual

O cristianismo não é um direito canônico, um corpo de leis destinado ao bom funcionamento de uma venerável instituição, nem um conjunto de fórmulas de orações e de ritos litúrgicos: A lei de referência única e absoluta é Jesus Cristo. Ele é o caminho que leva à vida. O adorador perfeito, em espírito e em verdade, o sacerdote e a vítima, a meta de nossa adoração e de nossa oração é Jesus Cristo. É por ele, com ele e nele que o Pai é honrado e glorificado na unidade do Espírito Santo (Metogo, 2013, p. 107-108).

Com isso, pretende-se enfatizar que a preocupação da Teologia Africana Contemporânea não é a de se tornar uma reconhecida a nível internacional como tal, mas ser uma voz profética que clama pela justiça e junto com o povo, achar meios possíveis para a transformação social das crises subsequentes que assolam os mais vulneráveis da sociedade. Por isso, como destaca Nyini, “esta tarefa é uma tarefa titânica. Não pode ser obra de um indivíduo. Este só a realiza com os outros membros da comunidade” (Nyimi, 2006, p. 28-29).

Outro elemento a ser considerado em relação à teologia contemporânea africana: respeitando a sua historicidade, ela denuncia como avatar do colonialismo as formas de historicismo e de mimetismo que sustentam os discursos científicos ou políticos sobre o desenvolvimento, a transição e a reforma eclesial. De acordo com Metogo, hoje, a Teologia Africana busca enraizar seu discurso identitário buscando uma africanização do cristianismo (2013, p. 107). Sendo assim, pode-se até afirmar que a perspectiva da Teologia Africana na contemporaneidade é formular um pensamento com suas próprias afirmações

dogmáticas que respondam às indagações antropológicas do povo africano, sem a preocupação de ser legitimado pelo Ocidente. Por isso, o autor exorta:

É necessário que os africanos expressem suas relações com Deus numa linguagem que não seja estranha à sua cultura. A busca protestante goza de mais liberdade que a busca católica. Por que não voltar à maneira apostólica de fundar Igrejas locais, evitando prolongar sem fim a fase de tutela? (Metogo, 2013, p. 107).

Do ponto de vista pastoral, a teologia contemporânea africana faz uma denúncia de que em alguns casos “os africanos são prisioneiros de um modelo de cristianismo criado para eles por outros, estruturado definitivamente no exterior em todos os seus aspectos, doutrinal, litúrgico, jurídico e disciplinar” (Metogo, 2013, p. 107). Por isso, cabe indagar: “o que significa para os africanos uma eucaristia que exclui o alimento local, ‘o fruto da terra e do trabalho humano’” (Metogo, 2012, p. 17). Nessa mesma linha de reflexão, no que tange à liturgia por exemplo, o mesmo autor se inquieta:

Roma opõe-se a que se utilize como matéria eucarística alguma coisa diferente do pão de trigo e do vinho da videira. Mas estas ‘matérias’ nem sempre são acessíveis longe dos grandes centros urbanos, e não se vê bem como elas podem ‘representar’ o fruto da terra e do trabalho humano’ em países onde se ignora a cultura do trigo e da videira e onde ‘pão’ e ‘vinho’ são muitas vezes traduzidos numa espécie de ‘crioulo cristão’. Como evitar esta pergunta: ‘Será que Jesus Cristo ligou o mistério de seu corpo e de seu sangue ao pão de trigo e ao produto da videira que não encontramos em todos os climas?’ (Metogo, 2013, p. 110).

Afinal de contas, o que é traduzível e o que não pode vir a ser inculturável? Será que é preciso condenar um cristão convencido de que seus encargos sociais exigem imolar um frango ou uma cabra por ocasião de um nascimento ou de

cuidados médicos? Estas e outras questões também caracterizam a sistematização Teologia Africana na contemporaneidade.

Hoje, a Teologia Africana fita a sua atenção às realidades antropológicas, sociopolíticas e culturais aplicando uma pedagogia cheia de sabedoria e sagacidade, propondo uma imagem de Deus que não apoia injustiça e violência que as políticas geopolíticas do Ocidente impõem ao povo africano (Metogo, 2013, p. 108-109). Por causa disso, constata-se que se introduziu no fazer teológico africano uma valorização das dimensões mais amplas do evangelho restaurando-se assim a natureza originária do anúncio do querigma nos primeiros séculos, porém, para este caso, aplicando-se à realidade multicultural dos povos africanos.

Em suma, a reflexão teológico-sistemática africana na contemporaneidade apresenta a proposta de evangelização que valoriza a vida concreta do povo africano contemplando a sua cultura, tradição, religiosidade, cosmovisão a sua participação na vida pública (Padilla, 1992, p. 15). Isso descarta a “[...] impressão de que o evangelho de Jesus Cristo deve ser embrulhado em um pacote ocidental europeu e concebido em categorias teológicas ocidentais europeias” (Hartman, 2022, p. 27, tradução nossa).<sup>12</sup> Com isso a luta contra o imperialismo teológico ocidental continua e acredita-se que a vitória será a longo prazo.

### **Considerações finais**

A Igreja no continente africano é composta, em grande parte, por pessoas que vêm do contexto religioso tradicional africano. Em vista disso, sua cultura,

---

<sup>12</sup> “[...] the impression that the gospel of Jesus Christ must be wrapped in Western European packaging and conceived in Western European theological categories” (Hartman, 2022, p. 27).

história, cosmovisão e aspirações espirituais tem influenciado de uma maneira significativa na compreensão, aderência e ou rejeição dos valores transmitidos do Evangelho. Isso justifica-se pelo fato de que todos esses elementos giram em torno de suas vidas diárias e suas experiências de fé. Sendo assim, qualquer tentativa ou sinal de desprezo à sua cultura e à pertinência da sua religiosidade tradicional pode anestesiar o ouvido da pessoa e esta não ser capaz de aderir à proposta de Jesus Cristo anunciado no Evangelho. Em alguns casos essa atitude, que não é a minoritária, favorece e incentiva uma dupla pertença religiosa vernizada por uma relativa fidelidade na participação da missa dominical.

Portanto, torna-se importante que a Igreja, atuando em contextos africanos, saiba comunicar-se com os aspectos da religião tradicional africana respeitando e buscando ressignificar os antecedentes religiosos dos seus fiéis. Como explica Kunhiyop, “nenhuma teologia viável pode crescer na África sem se dirigir ao fenômeno inter-religioso em ação no continente” (2012, p. 16, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Diante dessa proposta, o artigo buscou apresentar, de uma maneira concisa, o dilema que se vive na busca pela traduzibilidade e inculturação teológica em povos e culturas africanas. Para o efeito, apresentou-se primeiro um breve histórico da subjetivação e sistematização do pensamento teológico africano destacando suas origens e as razões epistêmicas ancoradas no seu desenvolvimento. Em seguida abordou-se a questão da traduzibilidade hermenêutica cultural e o dilema da inculturação teológica no anúncio do querigma entre os povos e culturas africanas sublinhando a importância da

---

<sup>13</sup> “No viable theology can grow in Africa without addressing itself to the interreligious phenomenon at work in the continent” (2012, p. 16).

abertura ao diálogo com a cultura, religiosidade e a cosmovisão do povo. Por fim, foram apresentadas algumas perspectivas contemporâneas da Teologia Africana para uma *ekklesia* missionária em África enfatizando o papel que os teólogos africanos têm desempenhado no clamor pela paz, justiça social e direitos fundamentais do povo sofredor.

Concluindo, torna-se importante destacar que como ciência, a Teologia Africana possui uma enorme riqueza e diversidade de temas, os quais, de acordo com Nunes, “por si só, constituem um repto à vivência de um *são* pluralismo” (2020, p. 249). De acordo com o mesmo autor, somado a temas relacionados a tradição e valores culturais tradicionais, integração nacional e desenvolvimento sociopolítico do continente, a Teologia Africana também discute problemas comuns a toda a cristandade e ainda não resolvidos (Nunes, 2020, p. 250).

Como última palavra vale dizer que não era pretensão do artigo esgotar todas as possibilidades hermenêuticas que o tema sugere na sua complexidade, mas apenas apresentar o itinerário teológico abordando alguns elementos históricos e alguns questionamentos teológicos, próprios da teologia cristã africana. Como resultado da pesquisa, conclui-se que, na atualidade, a Teologia Africana leva a sério os aspectos antropológico-culturais do seu povo e busca respeitar e dialogar com a sua cosmovisão rica em símbolos, crenças religiosas e o vínculo que cultivam com os seus antepassados: considerados intercessores de suas famílias. Note-se ainda que, em vista de uma *ekklesia* missionária, os teólogos africanos têm desempenhado um papel crucial no clamor pela paz, justiça social e direitos fundamentais dos povos africanos.

## Referências

- AMANZE, James N. Dialogue between african traditional religion and christian theology: a sure way for the survival of the church in Africa. In: BONGMBA, Elias Kifon (Ed.). **The routledge handbook of african theology**. London: Routledge, 2020. p. 73-84.
- AWOLALU, J. O. What is african traditional religion. **Studies in Comparative Religion**, v. 10, n. 2, p. 1-35, mar./jun. 1976.
- BUJO, Benézet; MUYA, Juvénal. Iluriga. **Teologia do século XXI**. v. 2. Luanda-Angola: Paulinas, 2012.
- COAST, Ernestina Elizabeth. **Maasai demography**. 2000. 260 f. Theses (Degree of Doctor of Philosophy) – University of London, London. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/6ce447a728e113175eb4e165ecdf8d4b/1?p-q-origsite=gscholar&cbl=2026366&diss=y>. Acesso em: 11 abr. 2024.
- GALGALO, Joseph D. The teaching of theology in Africa: some reflections on sources, methods and curriculum. In: LEMARQUAND, Grant; GALGALO, Joseph. **Theological education in contemporary Africa**. Eldoret: Zapf Chancery Press, 2004. p. 5-28.
- KAUNDA, Chammah. Sources of african theology. In: BONGMBA, Elias Kifon (Ed.). **The routledge handbook of african theology**. London: Routledge, 2020. p. 57-70.
- KUNHIYOP, Samuel Waje. **African christian theology**. Michigan: Zondervan, 2012.
- MANA, Ka. **Teología africana para tiempos de crisis: cristianismo y reconstrucción de África**. Estella: Editorial Verbo Divino, 2000.
- METOGO, Eloi Messi. Magistério e teologia na África. **Concilium: Revista Internacional de Teologia**, Petrópolis, v. 345, n. 2, p. 151-162, 2012.

METOGO, Eloi Messi. Teologia pós-colonial. **Concilium: Revista Internacional de Teologia**, Petrópolis, v. 350, n. 2, p. 102-115, 2013.

MUBANGIZI, Odomaro. Philosophy and theology in Africa. In: BONGMBA, Elias Kifon (Ed.). **The routledge handbook of african theology**. London: Routledge, 2020. p. 29-43.

NUNES, José. Teologias em contexto africano. **Ephata: Revista Portuguesa de Teologia**, Lisboa, v. 2, n. 2, p. 247-256, 2020. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/ephata/article/view/9541>. Acesso em: 08 abr. 2024.

NYUMI, Modeste Malu. Cristianismos africanos. **Concilium: Revista Internacional de Teologia**, Petrópolis, v. 317, n. 4, p. 29-40, 2006.

OKUMA, Peter Chidi. **Towards an african theology: the igbo context in Nigeria**. Bruxelles: P.I.E.-Peter Lang, 2002.

OLIVEIRA, David Mesquiati de; SATJYAMBULA, Miguel da Piedade. Por uma teologia africana a partir do 'sujeito africano'. **Azusa: Revista de Estudos Pentecostais**, Joinville, v. 6, n. 2, p. 61-74, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.faculdaderefidim.edu.br/index.php/azusa/article/view/82/84>. Acesso em: 7 set. 2023.

PADILLA, René. **Missão integral: ensaios sobre o reino de Deus e a igreja**. São Paulo: Temática Publicações, 1992.

STINTON, Diane. Africa, east and west. In: PARRATT, John. (Ed.). **An introduction to third world theologies**. New York: Cambridge University Press, 2004.

TCHIPUNGE, A. M.; FILHO, J. A. Teologia africana no pensamento de Gabriel Molehe Setiloane. **Revista Identidade**, São Leopoldo, v. 20, n. 2, p. 49-61, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/2601/2491>. Acesso em: 7 set. 2023.

VICENTE, J. A. Teologia formal africana. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 51-65, 2022.  
Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/3723>. Acesso em: 7 set. 2023.

WYK, Tanya Van. Pushing boundaries towards transformation through the political theology of Dorothee Soelle and Denise Ackermann. In: CLAASSENS, L. Juliana; WALT, Charlene Van Der; OLOJEDE, Funlola O. (Eds.). **Teaching for change: essays on pedagogy, gender and theology in Africa**. Pretoria: Sun Press, 2019. p. 133-149.